

## O HOMEM E A RELIGIÃO (4)

Tão logo o Brasil foi descoberto iniciou-se sua colonização. No caso, “colonizar” significou a vinda de portugueses, mandatários. E como quem manda precisa de quem obedeça, Portugal sequer pensou duas vezes: por três séculos providenciou a criminosa *importação* de “obedientes” criaturas, buscadas à força, na África. Está em “Estatísticas Históricas do Brasil”/IBGE: vieram 4.009.400 escravos, entre 1531 a 1855. Estarrecedor!

Face o poder da Igreja (Católica), representantes das suas várias ordens religiosas vieram de Portugal, com a missão “oficial” de dar assistência religiosa aos colonizadores, além de catequizar e “salvar” os índios. Mas, aventureiros europeus, por vezes também em caráter oficial, para aqui vieram, com interesses...

Não é difícil depreender que no *Brasil-criança* passaram a conviver criaturas de costumes e sentimentos religiosos diferentes. E não só diferentes: conflitantes... O caldeamento de raças foi inevitável...

Assim, durante e por cerca dos três primeiros séculos da nossa história, conviveram aqui no Brasil:

- colonizadores europeus (não apenas portugueses, mas também franceses, holandeses, espanhóis);
- padres (de várias ordens religiosas);
- indígenas (de várias tribos) e
- escravos africanos (de várias partes do grande continente).

Detentores do poder, os europeus impuseram sua religião (o catolicismo) e isso explica porque o Brasil ainda hoje é majoritariamente um país católico.

*lendo sobre o Censo 2002 na Internet, no item “Religiões”, nos deparamos com a informação de que nos censos do Brasil-colônia, todos os escravos africanos eram tidos como “católicos”.*

Os escravos (bantos, sudaneses, nagôs e iorubanos) que mais tempo conviveram com seus senhores, à força assistiam e participavam dos cultos católicos, imposição gerando obediência...

Mas, tal obediência era *pro forma*, sem crença, já que na intimidade da senzala, às ocultas, é que extravasavam sua fé... E ali, o mediunismo, entre eles, era um antigo e singelo exercício espiritual aprendido e praticado desde os tempos na terra-mãe, agora aliviando-lhes a cruel realidade — a escravidão.

Por acomodação parcial, a pouco e pouco os rituais, sacramentos, paramentos, imagens, altares, etc., do catolicismo, foram sendo agregados por eles, porém sob roupagem própria, adequada, isto é, africana.

Essa, a origem do chamado *Brasil-candomblé*.

Com a abolição da escravatura e com a liberdade constitucional de credo religioso, parte das pessoas que se identificavam com o Candomblé, no início do séc. XX, sem deixar parte dos seus fundamentos, a ele incorporaram novas práticas. Muitas dessas pessoas, tomando conhecimento da obra de Allan Kardec, passaram a frequentar Centros Espíritas, então emergentes no Brasil. Dentre esses, logo porém, houve quem se desligasse, indo fundar uma religião, agora, genuinamente brasileira: a Umbanda. E em 1941, no Rio de Janeiro, realizou-se o Primeiro Congresso Umbandista, visando estruturar uma prática religiosa já de trinta anos. Ali foram delimitados os elementos de cujo sincretismo surgiu a Umbanda nas suas diversas apresentações, sendo o imediatismo (a possibilidade do crente resolver seus problemas em curto prazo) uma delas.

O desligamento que citamos acima talvez tenha decorrido da dificuldade ou desinteresse em seguir as recomendações espíritas de estudo permanente, mudança de

comportamento (melhoria moral), ausência de quaisquer rituais, adereços, hierarquia, promessas, etc. Mas, principalmente, porque o Espiritismo não se aplica a resolver problemas materiais, senão sim, educar, esclarecer e fortalecer ao Espírito, para que ele se renove e, apoiado na fé em Deus, cujo amparo é permanente, encontre, ele próprio, a buscada solução.

Fiel a Kardec, a Federação Espírita Brasileira, em reunião do Conselho Federativo Nacional de 02/05/1953 (*Espiritismo Prático, Pedro F.Barbosa, p. 13 e 14, 4ª Ed., 1995, FEB, RJ/RJ*), recomenda aos Centros Espíritas, para a prática espírita e em suas reuniões, a total ausência de:

- paramentos, ou quaisquer vestes especiais;
- vinho, ou qualquer bebida alcoólica;
- incenso, mirra, fumo, ou substâncias outras que produzam fumaça;
- altares, imagens, andores, velas e quaisquer objetos materiais como auxiliares de atração do público;
- hinos ou cantos em línguas mortas ou exóticas, só os admitindo, na língua do país, exclusivamente em reuniões festivas realizadas pela infância e pela juventude e em sessões ditas de efeitos físicos;
- danças, procissões e atos análogos;
- atender a interesses materiais terra-a-terra, rasteiros ou mundanos;
- pagamento por toda e qualquer graça conseguida para o próximo;
- talismãs, amuletos, orações miraculosas, bentinhos, escapulários ou quaisquer objetos e coisas semelhantes;
- administração de sacramentos, concessão de indulgências, distribuição de títulos nobiliárquicos;
- confeccionar horóscopos, exercer a cartomancia, a quiromancia, a astromancia e outras "mancias";
- rituais e encenações extravagantes de modo a impressionar o público;
- termos exóticos ou heteróclitos para a designação de seres e coisas;
- fazer promessas e despachos, riscar cruzeiros e pontos, praticar, enfim, a longa série de atos materiais oriundos das velhas e primitivas concepções religiosas.

Pela aceitação de alguns dos itens acima, já poderemos perceber que o Candomblé e a Umbanda, embora espiritualistas e praticantes do mediunismo, diferem substancialmente do Espiritismo.

E mais: no Candomblé há sacrifício de animais. Na Umbanda, não: ela contempla os banhos de ervas e orações. Por tudo isso bem se vê que embora espiritualistas, Candomblé e Umbanda não podem ser consideradas espíritas. E isso sem qualquer demérito, pois o Espiritismo — doutrina dos Espíritos -, enaltece o livre-arbítrio, respeita e considera a autonomia de todas as religiões, jamais julgando-se superior a qualquer delas.

***Eurípedes Kuhl***